

ÉTICA ORIGINÁRIA, HERMENÊUTICA E (BIO) TECNOLOGIA: NOTAS SOBRE A POSSIBILIDADE DE UMA ÉTICA PARA A SOCIEDADE (BIO) TECNOLÓGICA EM HANS-GEORG GADAMER

*Original Ethics, Hermeneutics and (Bio)Technology: Notes on the possibility of an
Ethics for a (Bio)Technological Society in Hans-Georg Gadamer*

Maurício Fernandes
UFPI

Resumo: Vivemos uma época expressivamente marcada pelo avanço sem precedentes de intervenções (bio)tecnológicas como resultado de um desenvolvimento histórico de visões naturalistas auto-objetivadoras do homem nos moldes físico-matemáticos das Ciências Naturais. Hans Georg Gadamer nos apresenta em vários momentos da arquitetura de seu pensamento uma compreensão da experiência hermenêutica como uma proposta ao cientificismo objetificador, fundando-a no mundo-da-vida e reconhecendo-a na prática cotidiana das relações intersubjetivas ultrapassando o campo metodológico da ciência moderna. Analisaremos nas páginas que se seguem a posição de tal autor diante da tecnologia e sua contribuição ao debate contemporâneo acerca da possibilidade de uma ética para uma sociedade marcada pelo progresso técnico, partindo da compreensão da dimensão ética da hermenêutica.

Palavras-chave: Filosofia prática. Ética. Técnica.

Abstract: We living an age expressively marked by the advance without precedents of (bio) technological interventions as results from a historical development of self-objectifier naturalist views of man in the models of natural sciences. Hans Georg Gadamer show us in various moments in your thought one hermeneutic experience as proposition to objectifying scientism, rooting it in the life of world and recognizing it in the daily practices of intersubjectives relations, exceeding the methodological field of modern science. We analyze in this pages the Gadamer position before technology and your contribution to the contemporary debate about the possibility of an ethics to one society branded by the technical progress, starting from the comprehension of ethical dimension of hermeneutics.

Keywords: Practical Philosophy. Ethics. Technics.

Considerações iniciais

Vivemos uma época expressivamente marcada por um posicionamento basilar das tecnociências, na qual, paradoxalmente, desfrutamos um sentimento de total supressão das necessidades, mas também mergulhamos num universo de incertezas ante ao avanço desenfreado do campo de intervenções (bio)tecnocientíficas. Deparamo-nos com problemas novos e urgentes oriundos de tal avanço, que à velocidade em que se efetua não proporciona ao homem a possibilidade de estruturação de conteúdos ético-morais que possam inserir tais problemas no contexto hodierno dos debates e reflexões bioéticas.

A tecnociência palmilhou gradativamente âmbitos profundos da vida e existência humanas possuindo uma penetração na sociedade contemporânea e na estrutura nuclear da vida dos indivíduos em tal sociedade que até então haviam sido expressos unicamente em periódicos *sci-fi*. Em um movimento de *autoreificação* as fronteiras da disponibilidade (bio) tecnológica foram expandidas arrastando para seus limites o próprio homem, originando assim, problemas ético-morais para os quais a ética tradicional se viu impotente e sem possibilidade de propor direcionamentos satisfatórios.

O século XX se apresenta como momento marcante no qual o avanço das tecnociências atingiu o seu apogeu, iniciando com uma massiva industrialização e tecnificação gradativa de todas as esferas do existir humano e terminou com a abertura de um horizonte marcado, por um lado, pela infusão esperançosa de ânimos no campo das intervenções terapêuticas, e, por outro lado, por um acentuado senso de perigo diante de tal horizonte, uma vez em que fora deslocado o próprio homem para o âmbito de tais intervenções e manipulações. Desta forma, tal momento se configura de forma ímpar na história do homem e de seu saber e agir tecnocientíficos, não encontrando precedentes na trajetória histórica humana, e também, se estruturou enquanto período conturbado mediante as experiências negativas em relação às tecnociências. Dos campos de concentração às bombas atômicas, da construção da máquina de raios-X ao anúncio do fim do mapeamento do genoma humano a

tecnociência se direcionou para uma condição ímpar nas sociedades humanas, principalmente, ocidentais.

A técnica é um fenômeno multifacetário, e desta forma se apresenta ora como possibilidade de ampliação do aparato material do homem livrando-o gradativamente das correntes da necessidade ínsitas na natureza; e ora como fenômeno desumanizador ao qual se prende o homem já se encontrando, ou se percebendo enquanto cercado por um mundo artificial no qual se expressa sua cultura¹.

Hans-Georg Gadamer, assim como outros autores importantes para o debate filosófico contemporâneo como Habermas, Jonas, Apel e outros, vivenciou as experiências conturbadas do século XX e a ascensão gradativa as tecnociências em todos os âmbitos do saber e agir humanos, enxergando uma possibilidade de tecnificação planetária marcada pela expansão de uma visão de mundo arraigada nos moldes das Ciências Naturais, que atrelados ao agir tecnocientífico, acabaram por mitigar outras formas de conhecimento e acesso à verdade como os saberes das Ciências do Espírito, e mitigação do processo hermenêutico em detrimento de uma prática técnica.

Desta forma, Gadamer irá explicitar a necessidade de uma ética que possa expressar em seu cerne elementos esquecidos, ou mitigados, pela razão autotélica, que possam, a partir de uma experiência fundada no *mundo-da-vida*, na práxis, uma via de abertura à construção de possibilidades de instauração de sentido frente à massiva onda de auto-objetificação expressa na propagação de um agir puramente técnico em campos como o da Medicina e do Direito, apresentando o processo hermenêutico filosófico como uma proposta ao cientificismo objetificador, reconhecendo-o na prática cotidiana das relações intersubjetivas e ultrapassando o campo metodológico da ciência moderna. Para tal, Gadamer retoma a filosofia prática de Aristóteles como eixo norteador, principalmente a distinção aristotélica entre saber ético e saber técnico, para se direcionar para uma compreensão de uma ética originária, encetada por Heidegger, mas expressa como sendo a própria hermenêutica na arquitetônica do pensamento de Gadamer.

¹ Cf. ORTEGA Y GASSET. **Meditación sobre La técnica**. Nesta obra Ortega y Gasset nos apresenta o conceito de uma *supranaturalidade*, ou uma *tecnosfera* uma segunda natureza obtida mediante nossa intervenção técnica.

A partir da proposta gadameriana de uma hermenêutica filosófica, nos propomos uma aproximação, nas páginas que se seguem, da posição de tal autor diante da tecnologia e sua contribuição ao debate contemporâneo acerca da possibilidade de uma ética para uma sociedade marcada pelo progresso técnico nos moldes das ciências naturais.

1. O fenômeno (bio) tecnológico e a aporia ética contemporânea.

Muitas são as maravilhas do mundo, mas o homem supera-as todas. Mesmo para lá do mar de espuma, sob o vento do sul, ele avança e atravessa as empoladas ondas que rugem em volta. E afadiga a Terra – a suprema divindade, incansável e imortal – ao guiar as charruas e revolvendo-a com a raça eqüina. Ele persegue e depreda as alegres famílias dos pássaros. Com redes, o arguto engenho humano captura todas as espécies de animais selvagens e de criaturas marinhas. Com a sua astúcia chega a domar as feras agrestes das montanhas e subjuga o cavalo de longas crinas e o touro indômito dos montes. Ele conhece a palavra, o pensamento alado, os costumes urbanos e sabe defender-se dos inóspitos frios, sob o sereno céu, e das fustigantes chuvas. Sagaz e sem medos, enfrenta o futuro. Só não pode encontrar a salvação contra o Hades, embora saiba curar males sem remédio. Embora invente sábios e úteis expedientes para além de toda a esperança, caminha necessariamente para o mal ou para o bem. Quando ele respeita as leis da pátria e dos númenes, engrandece a cidade; mas torna-se a sua ruína quando o orgulho o empurra para o mal.

Sófocles

O fenômeno tecnológico se constitui como expressão do agir humano, de sua astúcia e engenhosidade diante das intempéries da natureza, mesclando-se ao próprio homem em sua trajetória histórica. Em todos os campos do saber e agir humanos podemos enxergar os ganhos indelévels tornados possíveis mediante ao avanço tecnológico; de um processo de adaptação ao empoderamento do homem sobre a natureza e sobre si mesmo, há um desenvolvimento histórico de tal fenômeno mesclando-se de forma indissociável com a história do próprio homem.

Não podemos prescindir dos debates acerca dos problemas instaurados pelo avanço do fenômeno (bio) tecnocientífico, pois este encontra-se de tal forma arraigado em nossas vidas e experiências que já não podemos enxergar a trajetória do Ocidente senão como uma jornada rumo a uma *tecnificação* gradativa de todas as esferas do agir e do existir humanos, se apresentando ao homem como seu aspecto *destinal*, como um horizonte para o qual este se direciona inexoravelmente, um horizonte no qual estamos inseridos, e no qual experimentamos todas as possibilidades e ganhos de uma nova *ecologia cognitiva*² instaurada pelo avanço sem precedentes de tal fenômeno.

A ética tradicional, diante de tal avanço, se apresenta como uma “complexidade vazia³”, como um esvaziamento normativo caracterizado pela impossibilidade de proposição de direcionamentos frente à urgência dos problemas instaurados pelo avanço gradativo das intervenções biotecnológicas sobre a vida. Uma reflexão sobre a aporia tecnológica em nossa contemporaneidade nos remete irremediavelmente a uma tarefa fundamental do pensamento ocidental que é pensar acerca do lugar humano em meio ao horizonte aberto por seu agir sobre a natureza e sobre si mesmo. Em um movimento dialético negativo cada passo do homem em seu domínio sobre a natureza representou também domínio (bio) tecnocientífico sobre si mesmo, colocando-se no campo da *disponibilidade* e das intervenções biotecnológicas. Os avanços nas pesquisas e nas descobertas tecnocientíficas desde a segunda metade do século XX imprimiram rasgos profundos nos debates éticos revelando uma impotência da ética em relação à profundidade e emergência dos problemas instaurados⁴.

A fusão do saber científico e do agir técnico lançaram rasgos indelévels na construção de uma sociedade marcada profundamente pelo signo do progresso, ao ponto de mitigar sob o peso de um naturalismo duro e reducionista o próprio *mundo-da-vida* e a possibilidade de uma experiência da verdade que não seja a de uma

2 Aqui utilizamos o termo ecologia num sentido levysiano para nos referirmos às novas relações com o conhecimento, instauradas pelas novas (bio) tecnologias.

³ Cf. HABERMAS, Jürgen. **O futuro da natureza humana**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Habermas se refere ao vazio ético-moral das modernas formas de intervenção biotecnológicas no âmbito da vida humana.

⁴ Cf. JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

relação de sujeição dos conteúdos internos dos sujeitos aos dados empíricos do mundo objetivo externo.

El encubrimiento del mundo de la vida (*Lebenswelt*), el mundo de nuestra experiencia natural subjetiva, que há quedado revestido por lãs formulas ideales de la ciencia y sepultado bajo ellas em su estilo intuitivo originário, hasta el punto en que el mundo objetivo, impersonal y anônimo de la ciencia, aparece como el verdadero mundo em si (CEREZO, 2003, p. 12).

Husserl já apontava à sua época um distanciamento das ciências em relação ao mundo-da-vida e sua subsequente crise, uma crise não acerca de seu objeto, mas de sua abstração, matematização e potencialização de uma natureza cientificamente idealizada que nega a possibilidade de acesso a verdade senão pelo molde de um pretenso objetivismo que compreende que “a verdade do mundo apenas se encontra naquilo que é enunciável no sistema de proposições da ciência objetiva⁵”.

Em virtude da exigência de submeter toda a empiria a normas ideais, às da verdade incondicional, aparece, de imediato, uma mudança de grande alcance em toda a práxis da existência humana, portanto, de toda a vida cultural. Esta já não se deve reger pela ingênua empiria cotidiana e pela tradição, mas pela verdade objetiva (HUSSERL, 2002, p. 53).

Assim o acesso à verdade foi estruturado a partir de uma visão de mundo cientificista que pretendeu reduzir todo o conteúdo da experiência aos dados empíricos e sua compreensão nos moldes das Ciências Naturais, ocasionando assim uma deflação daqueles conteúdos respectivos às Ciências do Espírito e sua possibilidade de abertura e acesso à verdade. E com a fusão das esferas da técnica e da ciência o empoderamento do homem sobre o mundo foi ampliado expressivamente, até ao ponto da experiência de incerteza acerca do futuro do humano em meio às suas próprias manipulações.

A ética contemporânea fora de sobremodo impactada pelo vazio e carência de proposições, e também pela dificuldade de aproximação a tais problemas, dada as

⁵ ZILLES, Urbano. **A fenomenologia husserliana como método radical**. In: HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 30.

suas especificidades e urgência, configurando assim um vazio ético⁶; o que requer um despertar da ética e também sua aplicabilidade diante de problemas de ordem tão ímpares e emergenciais. A ética contemporânea atravessa um despertar, compreendida como “tarefa última, que se efetua no próprio seio da recomposição do horizonte axiológico, ancorando *nossa responsabilidade*⁷ no coração das transformações de hoje” (RUSS, 1999, p. 172).

2. Gadamer e a questão da (bio) tecnologia.

O que inquieta, de fato, não é que o mundo se transforme num completo domínio da técnica. Muito mais preocupante é que o homem não está preparado para essa radical mudança do mundo. Muito mais preocupante é que ainda não somos capazes de compreender adequadamente, por meio do pensamento meditativo, aquilo que está emergindo em nossa época.

Martin Heidegger

O avanço das tecnociências no século XX marcou profundamente a produção teórica de diversos intelectuais nas mais distintas áreas do conhecimento humano. Em parte o impacto de tal fenômeno sobre o pensamento, principalmente ocidental, deu-se em relação a uma experiência negativa com a técnica, que a partir de sua fusão com a ciência, apresentou-se como produto de uma razão instrumentalizada.

Assim como Heidegger, Gadamer vivenciou os nefastos resultados da ação técnica no século passado, e teve a técnica moderna como um elemento dialogal em sua construção intelectual em algumas de suas obras⁸. Principalmente em solo alemão, e mais expressivamente a partir de Heidegger, a ciência e a técnica sofreram uma rejeição enquanto expressões do domínio da metafísica e do esquecimento do Ser⁹. Essa visão de Heidegger acabou por encetar uma via de compreensão do fenômeno técnico e do perigo não na tecnificação em si, mas no desconhecimento e abandono por parte da sociedade sobre o fenômeno tecnológico¹⁰; assim a crítica heideggeriana

⁶ JONAS, 2006, p. 69.

⁷ Grifos nossos.

⁸ *Wharheit und Methode* (1960), *Über die Verborgenheit der Gesundheit* (1993).

⁹ LAWN, Chris. *Gadamer: A guide for the perplexed*, 2006, p. 112.

¹⁰ HEIDEGGER. *Die Frage der Technik*. Para Heidegger a pergunta sobre o que é a Técnica é formulada a partir de uma compreensão instrumental-antropológica da mesma, ancorada unicamente naquilo que é

se aproxima de uma *tecnofilia* preventiva, cujo intuito maior não é apenas uma rejeição, mas um delineamento e exposição do perigo ínsito no cerne de tal fenômeno.

Gadamer é um dos intelectuais que foram influenciados por esta visão de Heidegger sobre a técnica moderna, porém, o peso de sua argumentação não se centra no esquecimento do Ser, mas repousa sobre a negligência em relação ao poder da tradição e da solidariedade na modernidade¹¹, obliterados acentuadamente por um nível gradativo de tecnificação que acaba por atingir o próprio contexto das relações sociais em suas mais diversas nuances.

Gadamer freqüentou as lições de Heidegger acerca da filosofia prática nas quais este relacionava conceitos de uma filosofia da *práxis* em Aristóteles com elementos de uma hermenêutica da *facticidade*, tendo em vista a reabilitação do saber prático frente ao conhecimento tecnocientífico e objetivista¹². O eixo nodal do pensamento de Gadamer acerca do fenômeno tecnológico repousa sobre a perda da distinção entre teoria e prática, uma relação distorcida pela tecnificação do conhecimento na sociedade moderna¹³. Contudo, a questão da compreensão acerca da tecnologia prefigurada na obra de Gadamer e sua atitude em relação à era tecnocientífica são mais complicadas, pois não se trata de uma destituição da ciência e da técnica, mas antes, uma tentativa de buscar um equilíbrio entre nossos conteúdos ético-morais e nosso agir tecnocientífico. Como aponta Gadamer no prefácio de sua obra *The enigma of Health*: “[Our problem] is a question of finding the right balance between our technical capacities and the need for responsible actions and choices¹⁴”.

A planetarização da técnica para Gadamer irrompeu para dentro das esferas dos saberes das ciências humanas, e aponta para os problemas graves decorrentes deste movimento. A medicina é um dos campos que chamou a atenção de tal autor, no qual enxergou gradativamente uma transição da ciência médica para uma tecnologia médica, e a transformação do médico em um técnico politicamente

produzido pelo fenômeno tecnológico, propondo uma aproximação a partir de uma explicitação do caráter fundamental da técnica enquanto destino do homem.

¹¹ *Ibidem*.

¹² WU, 2011. p. 96.

¹³ LAWN, 2006, p.114.

¹⁴ GADAMER. *The enigma of Health: The art of healing in a scientific age*. Oxford: Polity Press, 1996, pp. viii – ix.

poderoso, um “técnico do corpo¹⁵”; uma transição marcada por um deslocamento do campo da escuta, da *anamnese* para os resultados exatos do aparato tecnocientífico. Desta forma, a própria tecnologia reduz e limita as prescrições médicas, pois inibe gradativamente a necessidade de julgamentos¹⁶.

Gadamer (2006) está interessado em restaurar a distinção do conceito de práxis, e com tal buscar restabelecer o equilíbrio entre o agir tecnológico e o saber ético, e para tal, compreende a própria hermenêutica como um saber ético, sendo de sobre modo influenciado por Heidegger no sentido de desvelamento da dimensão ética da hermenêutica. Gadamer compreende que há uma confusão acerca do conceito de práxis¹⁷ na qual esta perdeu toda sua potencialidade originária de elemento importante no processo de interpretação do mundo e de si mesmo. Práxis na modernidade mescla-se ao sentido de prática, produzindo, distanciando-se de sua compreensão originária, sendo reduzida à aplicabilidade técnica com a qual a ciência se reveste na modernidade.

Mas o que significa práxis? A aplicação da ciência como tal já é uma práxis? Toda a práxis é aplicação da ciência? Mesmo que em toda a práxis esteja incluída a aplicação científica, ambas não são idênticas, já que práxis não significa apenas a exequibilidade daquilo tudo que se possa fazer. Práxis é sempre também escolha e decisão entre possibilidades (GADAMER, 2006, pp. 11 – 12).

A confusão moderna entre teoria, técnica e prática é um dos eixos centrais a partir do qual Gadamer irá apontar para o problema de uma instrumentalização da prática médica. Tal confusão minou a possibilidade de autoreferencialidade do sujeito promovendo um campo de intervenções que incidem sobre o corpo apenas (em seu aspecto biofísico e mecânico), no qual a perda do processo hermenêutico irá acarretar uma perda da possibilidade de conhecimento, e também do cuidado-de-si. Assim, Gadamer irá retornar à compreensão heideggeriana de uma ética originária na qual a práxis será um elemento norteador na instauração de uma vida ética e plena no conhecimento de si e do mundo.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ *Op. Cit.*, p. 115.

¹⁷ Cf. SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. *Filosofía de la praxis*. México: Fondo de Cultura Económica, 1967.

Porém, longe de propor um esquecimento ou deflação da técnica, Gadamer procura expor os pontos truncados nos quais se confundiram tais conceitos apontando para uma reabilitação do processo hermenêutico como elemento ímpar para a possibilidade de uma vida ética, procurando um equilíbrio entre a ciência e o saber ético. Um conceito importante que norteia a compreensão de Gadamer sobre saúde e também acerca da vida ética será o conceito de *equilíbrio*.

3 A ética originária e a possibilidade de uma ética para a sociedade (bio) tecnológica.

Die Tragödien des Sophokles bergen, falls überhaupt ein solcher Vergleich erlaubt ist, in ihrem Sagen das ἦθος anfänglicher als die Vorlesungen des Aristoteles über "Ethik"¹⁸.

Heidegger

Um ponto essencial entre Heidegger e Gadamer é, a saber: a compreensão do caráter originário da ética para além de sistemas, regras ou imperativos, para além da linguagem conceitual, ancorado na própria linguagem do mundo-da-vida, da experiência *fática*. A vida ética está ancorada na realidade histórica, no sofrimento individual e nas singularidades que definem a vida como uma linguagem. Assim, a linguagem conceitual está relacionada com os saberes das Ciências Naturais e com a linguagem da técnica e buscam universalizar a linguagem dos fenômenos em uma língua tecnocientífica de cunho físico-matemática.

Heidegger aponta uma marca no caminho em direção à uma compreensão da ética originária, apontando as tragédias sofocianas como possuidoras de mais elementos de uma ética originária que as preleções de Aristóteles. A ética em seu sentido originário está vinculada a interpretação que o homem constrói do mundo e de si mesmo, e exige 1) uma retomada do conceito de práxis para além de mera aplicabilidade, no qual se desvela a *phronesis*, 2) um ancoramento do saber ético na experiência fática, direcionado teleologicamente à virtude.

¹⁸ As tragédias de Sófocles abrigam, se de todo esta comparação possa ser permitida, em suas lendas o *ethos* mais originário que as leituras de Aristóteles sobre "Ética" [Tradução nossa].

1) O perigo contido na *planetarização* da técnica apontado por Gadamer se relaciona genealogicamente com o perigo de *encobrimento* do Ser exposto por Heidegger. Gadamer (2005) aponta para o risco de uma objetivação em relação ao saber ético por parte de um abandono da prudência (*phronesis*) em decorrência da aplicabilidade objetiva do conhecimento destituído de seu ajustamento ao fato concreto, ao mundo-da-vida; e contrapõe um posicionamento ético e hermenêutico ao saber científico e ao naturalismo do século XIX que se mostraram como frutos de um método objetificador da ciência moderna que passou a determinar também o conceito de *práxis* (p. 114).

Orientei-me pelo modelo da filosofia prática de Aristóteles. Procurei evitar o modelo distorcido de teoria e sua aplicação, que, partindo do conceito moderno de ciência, determinou de modo unilateral também o conceito de *práxis* (GADAMER, 2005, p. 32).

Gadamer retoma, via Heidegger, a distinção aristotélica entre saber ético e agir técnico como forma de explicitar o caráter fundamental da filosofia e da hermenêutica ancorado na *práxis*. Ao retomar a distinção aristotélica, Gadamer almeja esboçar um panorama de uma filosofia da prática, onde o ser humano restitua sua *responsabilidade* e ao mesmo tempo sua liberdade de deliberação mediante uma reaproximação com a prudência (*phronesis*). O saber ético para Aristóteles, juntamente com o político, se constituía enquanto dimensão do saber sobre si mesmo ao qual o homem teria acesso, e sabendo sobre si mesmo poderia, desta forma, compreender seu próprio agir¹⁹.

2) O saber ético deve, necessariamente, compreender a exigência de cada fato concreto. Dada a sua característica de incompletude ou da ausência de um corpo teoricamente constituído tal como o saber científico (*episteme*), o saber ético deve incidir sobre a situação, sobre o fato concreto, considerando-o ímpar e deliberando-o com vistas a um horizonte teleológico no qual figura a virtude (*Areté*), o que não pode ser aprendido, mas apenas experimentado. Aqui reside a diferença entre a técnica e a *práxis*.

¹⁹ VAZ, Henrique Cirne de Lima. **Antropologia filosófica I**. São Paulo: Loyola, 1991, p. 39.

Uma *techne* se aprende, e pode também ser esquecida. Mas o saber ético não pode ser aprendido nem esquecido. Não nos confrontamos com ele ao modo de poder apropriarmo-nos ou não dele, como podemos escolher ou deixar de escolher uma habilidade objetiva (GADAMER, 2005, pp. 417 - 418).

A virtude, por sua vez, não está relacionada à razão (*Logos*) mas à deliberação acerca da ação e do uso da razão, não se constitui como um saber teórico, mas *prático*. O saber ético não é um conhecimento exato tal como a matemática, ou que se aprende e se aplica *ad infinitum* seguindo as mesmas regras e princípios a todos os casos, mas antes se apresenta como deliberação acerca do agir humano, está atrelado ao fazer humano. O homem está sempre diante de fatos diferentes que no mundo concreto da ação exigem-lhe um agir baseado em uma reflexão que contemple a dessemelhança entre cada fato e a necessidade de uma reflexão acerca destes a partir da prudência (*phronesis*), visando o bem, procurando “encontrar o que é correto na situação concreta, isto é, discernir e aprender o que é correto na situação” (GADAMER, 2005, p. 417).

Gadamer pretende uma retomada da filosofia prática em seu sentido aristotélico. O saber prático é o eixo referencial da hermenêutica gadameriana, é um saber que no desenvolvimento histórico do pensamento ocidental foi abandonado pelas ciências, que afastando-se da noção de *substância* (o questionamento acerca da coisa), aproximou-se de forma indissociável da noção de *função* (estudando as relação entre as coisas). Logo, o saber prático não está vinculado às ciências, mas enquanto *práxis*, funda-se no agir do homem em seu aspecto mais fundamental de um agir no *mundo-da-vida*, revelando assim um *ser-no-mundo-com-os-outros*.

A filosofia prática é a *clef de voûte* do pensamento gadameriano, e encontra o seu desenvolvimento a partir de Heidegger, que, ao realizar uma releitura da obra de Aristóteles, principalmente da *Ética à Nicômaco*, percebe que o saber ético possui raízes no agir humano, e está intrinsecamente relacionado à experiência direta com o mundo e com a *phronesis*. A filosofia da prática gadameriana é uma retomada da ética desde o âmbito do agir humano fundado na experiência fática, ou seja, na *weltlichkeit* heideggeriana (*mundanidade*), na qual se tornam capazes de serem vivenciados e

constituídos intersubjetivamente; podendo assim, abrir uma via de acesso à uma retomada de sentido, da liberdade humana, através de uma reflexão que parta da pluralidade constitutiva do *mundo-do-vida*.

Diante de um despertar do pensamento ético contemporâneo em relação ao vazio instaurado pelos problemas oriundos das intervenções tecnocientíficas a compreensão de Gadamer acerca da dimensão ética da hermenêutica nos oferece um horizonte de possibilidade de retomada da responsabilidade diante das intervenções cada vez mais expressivas no âmbito da vida e do existir humanos. Diante do vazio ético oriundo do avanço expressivo das (bio) tecnociências sobre o âmbito nuclear da vida e existência humanas a busca por uma ética concernente à situação contemporânea revela este despertar da ética, porém, de forma análoga, revela a conturbada busca por um quadro de regras fixas válidas universalmente para o agir humano, o que pode se configurar como um fracasso.

As possibilidades exitosas centram-se na busca por uma retomada de *responsabilidade* por parte do indivíduo em relação à tais avanços, o que irá configurar o horizonte de busca encetado por intelectuais, que desde o século passado, procuraram propor uma aproximação a partir de delineamentos de metaéticas aplicadas ao contexto biotecnocientífico²⁰.

Considerações finais

Os problemas instaurados a partir das intervenções tecnocientíficas se apresentam hodiernamente expressos numa carência dos conteúdos necessários à construção de uma ética para a sociedade (bio) tecnologicamente estruturada, em uma impotência da ética clássica em tratar de tais problemas. Desde meados da primeira metade do século XX os graves problemas oriundos da intervenção do homem na natureza proporcionaram-lhe certo desconforto diante do sentimento de impotência frente à impossibilidade de reverter os impactos de sua ação direta sobre o planeta, o quadro irreversível de sua ação sobre a natureza, acabou por impactar o sentimento de incerteza acerca de seu futuro, uma vez em que o próprio homem foi

²⁰ Tal é o caso das propostas de uma retomada da dimensão ética da hermenêutica de Gadamer, da ética da espécie de Jürgen Habermas, de uma ética da responsabilidade de Hans Jonas, de uma ética da autenticidade de Charles Taylor, dentre outras proposições.

deslocado para o campo de intervenções (bio) tecnológicas. A partir de então experimentamos um sentimento de que não mais podemos reparar os resultados de nossa ação²¹.

Diante da constatação de Prometeu de que seu agir lançou raízes profundas na constituição de um quadro assombroso frente aos nefastos prognósticos acerca do futuro da sociedade (bio) tecnológica, faz-se necessária uma reflexão que coloque como eixo fundamental o saber ético. A técnica moderna, atrelada à razão instrumental, tornou escassos os recursos não apenas naturais, energéticos ou econômicos, mas também os recursos de solidariedade e da experiência comunitária entre os homens, criando assim, um afastamento entre os homens e entre estes e o mundo-da-vida.

Assim Gadamer nos propõe, mediante sua filosofia prática, uma retomada daqueles elementos escassos em uma sociedade fortemente marcada pela tecnologia e por uma ciência desencarnada, prefigurada num naturalismo “duro” que intenta uma naturalização errada do espírito, elementos estes presentes no interior do *mundo-da-vida* que podem de maneira autêntica preencher o vazio deixado por uma autoinstrumentalização gradativa e acirrada dos âmbitos mais recônditos da existência humana. Mediante a possibilidade de se recobrar deste processo auto-objetificador é que se pode vislumbrar ao fundo uma retomada da responsabilidade humana em suas ações.

Neste sentido a perspectiva de uma filosofia prática proposta por Gadamer se apresenta como uma possibilidade de retomada de responsabilidade por parte do indivíduo e também como um itinerário para uma reconstrução de uma vida ética na qual o sujeito pode recobrar o equilíbrio entre o agir e os conteúdos ético-morais, propiciando assim uma aproximação e capacidade decisória acerca dos impactos das (bio) tecnociências no âmbito da própria vida humana.

²¹ Grifos nossos.

Referências

CEREZO, Pedro. **La responsabilidad moral de La inteligencia en la era tecnológica**. Granada: Secretaria general de La Universidad de Granada, 2003.

GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Verdade e método**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1987.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: Ensaio de uma ética para a sociedade tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LAWN, Chris. **Gadamer: A guide for the perplexed**. London: Continuum International | Publishing Group, 2006.

WU, Roberto. **A ontologia da *phronesis***: a leitura heideggeriana da ética de Aristóteles. In: Veritas. V. 56. n. 1. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/viewFile/9295/6405>. Acessado em 24/04/2013.

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia/Unisinos
Professor Assistente de Filosofia da UFPI
E-mail: mauriciofernandes@ufpi.edu.br